

SOBRE OS PEQUENOS VASOS CARENADOS DO MEGALITISMO ALTO-ALENTEJANO

QUESTÕES MORFOLÓGICAS E CRONOLOGIA

MARCO ANTÓNIO ANDRADE Bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia, UNIARQ-Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, marcoandrade@campus.ul.pt

RESUMO Entre meados do 4.º e meados do 3.º milénio a.n.e., na área alto-alentejana (sensivelmente coincidente com o actual distrito de Portalegre e parte do distrito de Évora), assiste-se ao desenvolvimento de uma sub-cultura megalítica derivada da super-cultura centro-alentejana (lida principalmente na presença de placas de xisto gravadas). A identidade própria desta sub-cultura alto-alentejana (designada como *Grupo Megalítico de Crato-Nisa*) entende-se pela presença (embora não exclusiva a esta área mas com evidente concentração nela) de itens votivos particulares: nomeadamente as placas de grés (enfatizando os exemplares esculpidos com motivos antropomórficos) e os vasos carenados assim designados como de tipo Crato/Nisa. Tratam-se de pequenos vasos de carena mais ou menos marcada, de diâmetro raramente excedendo os 12 cm, presentes na grande maioria dos contextos funerários escavados até ao momento no Alto Alentejo. As suas características morfológicas possibilitam a sua confusão com exemplares mais tardios (nomeadamente, as taças de tipo Atalaia da Idade do Bronze). No entanto, tratam-se de elementos claramente associáveis às comunidades megalíticas alto-alentejanas – dispendo-se de associações artefactuais e datações absolutas que o corroboram. Assim, esta contribuição pretende apresentar algumas considerações sobre questões morfológicas e cronológicas a respeito do estudo destes recipientes.

PALAVRAS CHAVE Megalitismo, Neolítico/Calcolítico, Alto Alentejo, vasos carenados

ABSTRACT Between the mid 4th and the mid 3rd millennium BCE, in the region of North Alentejo, one can attest to the development of a megalithic sub-culture derived from the Central Alentejo megalithic super-culture (mainly evident in the presence of engraved schist plaques). The very identity of this North Alentejo megalithic sub-culture (designated as *Megalithic Group of Crato-Nisa*) is understood by the presence (though not exclusive to this area but with an evident concentration in it) of particular votive items, namely the sandstone plaques (with emphasis on the carved specimens with anthropomorphic motifs) and the carinated bowls designated as Crato/Nisa type. These are small bowls with a more or less pronounced carina, rarely exceeding 12 cm in diameter, identified in the large majority of the funerary contexts excavated till the present date in North Alentejo. Their morphological features allow their confusion with later vessels (namely the representative Atalaia type bowls from the Bronze Age). However, these are elements clearly assignable to the North Alentejo megalithic communities, found in association with other characteristic artefacts, providing also absolute dating that allows confirming this fact. Therefore, this contribution aims to present some remarks on the morphological and chronological issues concerning these vessels.

KEYWORDS Megalithism, Neolithic/Chalcolithic, North Alentejo, carinated bowls

O MEGALITISMO ALTO-ALENTEJANO, EM VOO DE PÁSSARO: CARACTERÍSTICAS GERAIS E ESPÓLIOS VOTIVOS

Na área norte alentejana, enquadrada pelas serras de São Mamede e Ossa, encontram-se referenciadas várias centenas de monumentos megalíticos. Incluem-se no que comumente se designa como *Grupo Megalítico de Crato-Nisa*, principalmente caracterizado pelos monumentos das áreas da bacia do Sever e Crato (Oliveira, 1998; Parreira, 1996). Percebe-se aqui uma interessante diversidade em termos arquitectónicos, sendo este polimorfismo provavelmente explicado tanto por factores

cronológicos como por factores culturais. Com efeito, reconhecem-se nesta área desde os pequenos sepulcros «proto-megalíticos» até aos grandes monumentos de Câmara e Corredor diferenciados (estando ausentes, até ao momento, os *tholoi*).

Poucos monumentos foram objecto de trabalhos de escavação recentes, nomeadamente aqueles incluídos na Coudelaria de Alter do Chão (Oliveira, 2006), na necrópole da Rabuje (Boaventura, 2006) e Currais do Galhordas (Monteiro-Rodrigues, 2013). A disponibilidade de conjuntos votivos contextualizados e datações radiocarbónicas associáveis, apesar das precauções devidas à exiguidade da amostra, permitem seriar a construção e uso dos monu-

mentos megalíticos no Alto Alentejo. Desta maneira, dois momentos crono-culturais genéricos são reconhecidos.

O primeiro momento, aqui representado pelo monumento de Rabuje 5 (Boaventura, 2006), está balizado entre o segundo e o último quartel do 4.º milénio a.n.e., caracterizando-se por pequenos monumentos «proto-megalíticos» fechados ou pequenos monumentos de Corredor incipiente, com mobiliários votivos simples compostos por escassa ou inexistente cerâmica, geométricos, pequenas lâminas de sílex não retocadas e artefactos de pedra polida (machados de secção maioritariamente circular e enxós); o segundo momento, representado (entre outros) pelo monumento da Horta (Oliveira, 2006), está balizado entre o último quartel do 4.º milénio e meados do 3.º milénio a.n.e., caracterizando-se por monumentos de Câmara e Corredor diferenciado, de média e grande dimensão, por vezes com Corredor longo, com mobiliários votivos complexos compostos por cerâmica abundante, peças líticas bifaciais (pontas de seta e dardo, punhais, alabardas), lâminas de sílex retocadas, placas votivas e artefactos de pedra polida (machados de secção maioritariamente rectangular e um maior número de enxós).

Embora sejam evidentes relações com outros grupos megalíticos do Sudoeste peninsular (principalmente o grupo do Alentejo central, da linha Montemor-Évora-Reguengos e particularmente evidente nas áreas de Mora e Montemor-o-Novo), o *Grupo Megalítico de Crato-Nisa* assume-se como um núcleo com uma identidade própria relativa, particularmente a partir dos últimos séculos do 4.º milénio a.n.e.. Como artefactos votivos característicos, destacam-se as placas de grés (lisas de contorno hiperbolóide ou esculpidas com motivos antropomórficos), as pontas de seta de base triangular ou convexa (aparentemente escassas no contexto megalítico do Alentejo Central) e os pequenos vasos carenados designados como de *tipo Crato/Nisa*.

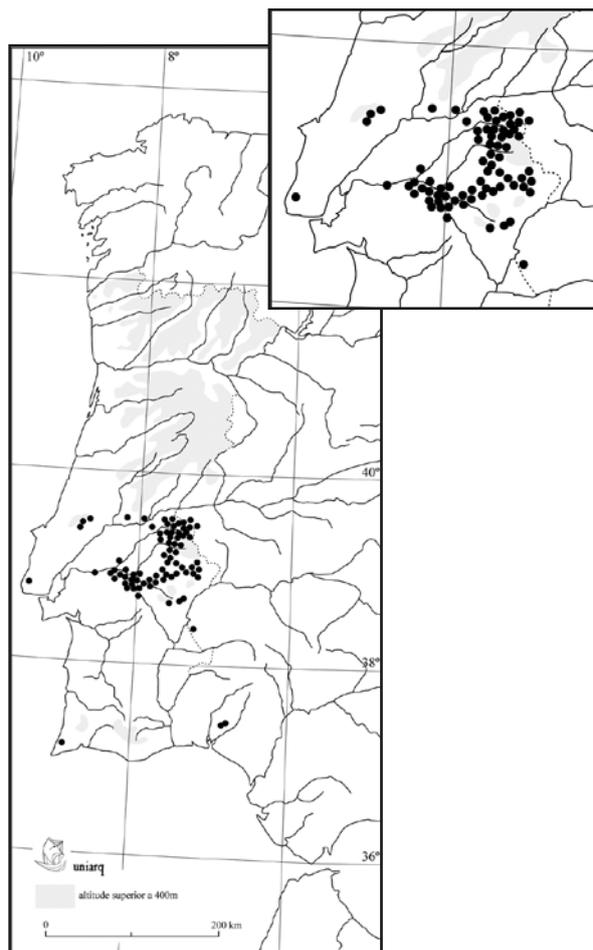
OS RECIPIENTES CERÂMICOS DE TIPO CRATO/NISA: CARACTERÍSTICAS TIPOLÓGICAS, ATRIBUTOS MORFO-MÉTRICOS E ELEMENTOS DECORATIVOS

Conceito primeiramente utilizado por V. S. Gonçalves e colaboradores a respeito dos pequenos vasos carenados da anta de Penedos de São Miguel (Gonçalves *et al.*, 1981), o recipiente assim designado refere-se a um pequeno vaso carenado, de carena mais ou menos marcada, cujo diâmetro raramente excede os 12 cm – tendo sido assim designados devido à sua relativa frequência nos contextos funerários dos grupos megalíticos alto-alentejanos, entre Crato e Nisa (sendo menos frequentes, embora presentes, nos grupos da linha Montemor-Évora-Reguengos ou noutros grupos do Sudoeste peninsular) (figura 1). A sua presença é por vezes significativa dentro dos conjuntos cerâmicos de cada monumento, principalmente evidente nas antas de Ordem 1 (31% do total dos recipientes), São Lourenço 1 (42% do total dos recipientes), Entreáguas 1 (55% do total dos recipientes), Romeiras (57% do total dos recipientes) ou Alter do Chão (70% do total dos recipientes).

Para a definição das particularidades destes recipientes (a nível de tipologia, morfo-metria e decoração), foi analisado um universo de 60 recipientes, provenientes de monumentos megalíticos das áreas de Crato, Alter do Chão, Avis, Mora e Montemor-o-Novo.

Dadas as suas características morfológicas específicas, podem ser genericamente divididos em três variantes (independentemente de se tratarem de formas abertas ou fechadas): Variante 1 – vaso de fundo convexo ou plano-convexo e corpo cilíndrico (paredes rectas verticais); Variante 2 – vaso de fundo convexo ou plano-convexo e corpo troncocónico (paredes rectas envasadas); Variante 3 – vaso de fundo convexo ou plano-convexo e corpo hiperbolóide (paredes exvasadas) (figuras 2 e 3).

Em termos de fabrico, estes recipientes apresentam genericamente pastas semi-compactas a compactas, de textura homogénea, com cozeduras e arrefecimentos tanto redutores como oxidantes, com abundantes componentes não plásticos de fino calibre (grãos de quartzo sub-rolados a angulosos, feldspatos, moscovites e, em menor número, biotites, hematites, óxidos de ferro e elementos orgânicos), sendo as suas superfícies maioritariamente alisadas (por vezes aproximando-se de polido).

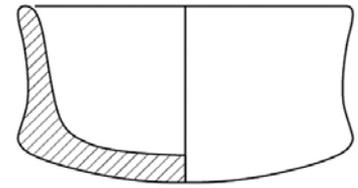
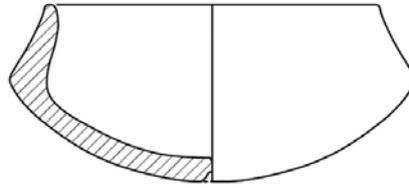
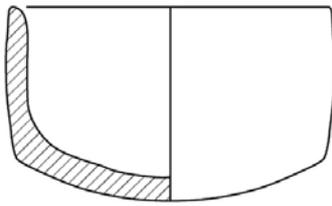


1. Distribuição dos recipientes carenados de tipo Crato/Nisa em contextos funerários do Sudoeste peninsular, de acordo com os dados disponíveis. Nota-se a evidente concentração na área alto-alentejana, sendo que os «vazios» observados nas áreas das Ribeiras da Seda e Sor se devem provavelmente à carência efectiva de trabalhos de escavação (no primeiro caso) e à ausência de sepulcros reconhecidos (no segundo caso).

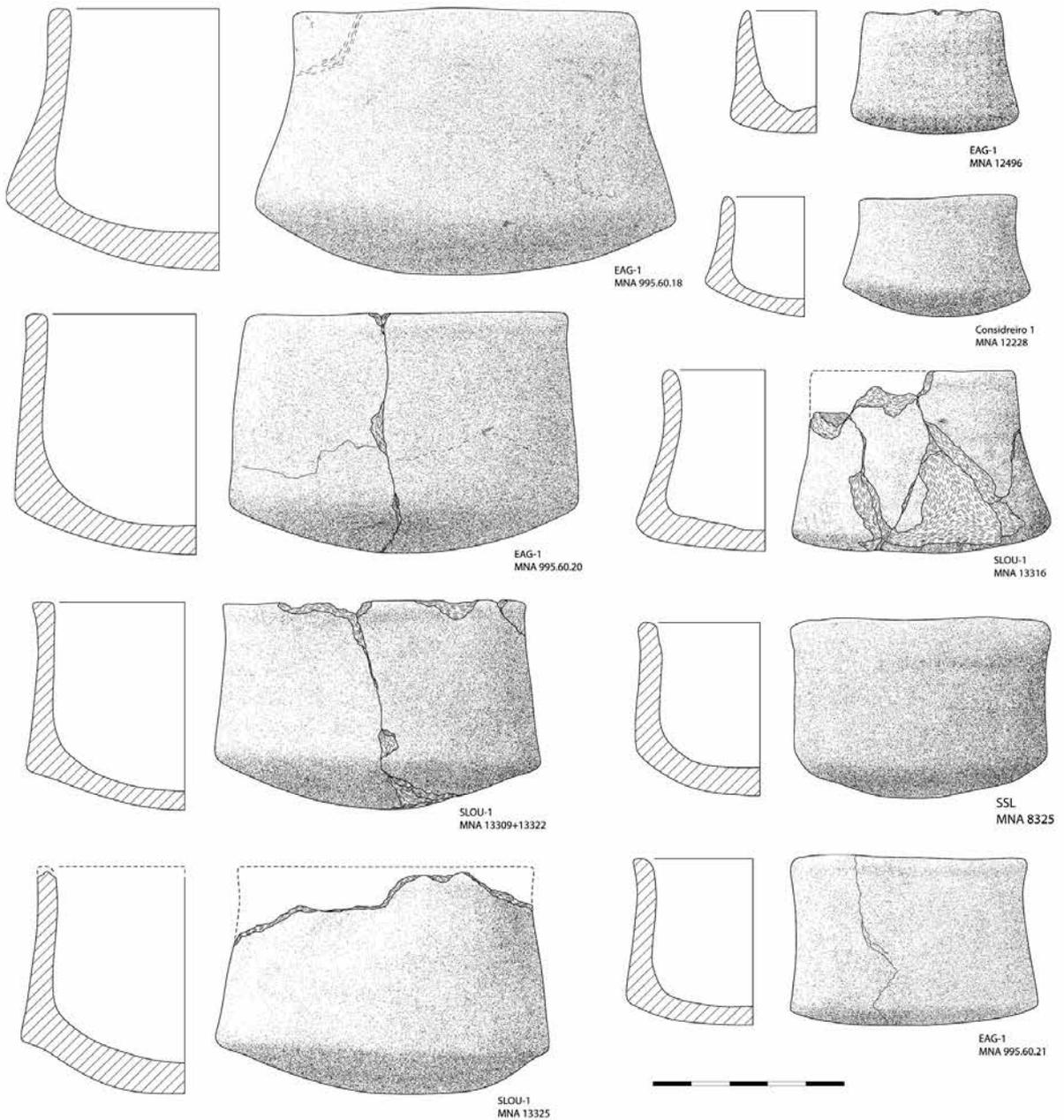
Variante 1

Variante 2

Variante 3



2. Variantes morfo-tipológicas dos recipientes carenados de tipo Crato/Nisa. Variante 1: recipientes de fundo convexo ou plano-convexo e corpo cilíndrico (paredes rectas verticais); Variante 2: recipientes de fundo convexo ou plano-convexo e corpo troncocónico (paredes rectas envasadas); Variante 3: Vaso de fundo convexo ou plano-convexo e corpo hiperbolóide (paredes exvasadas).



3. Alguns exemplos de recipientes carenados de tipo Crato/Nisa, de diferentes dimensões, recolhidos em monumentos megalíticos alto-alentejanos: Entreáguas 1, Mora (MNA 995.60.18, 995.60.20, 995.60.21 e 12496); São Lourenço 1, Crato (MNA 13316, 13309+13322 e 13325); Cabeço do Considreiro 1, Mora (MNA 12228); Cabeça da Ovelha, Sousel (MNA 8325).

A nível morfo-métrico, regista-se uma larga maioria de recipientes em que a relação diâmetro/altura se distribui entre 6-11 cm de diâmetro para entre 4-7 cm de altura. Em termos estatísticos, e no geral do conjunto analisado, a altura total corresponde em média a $\pm 2/3$ do diâmetro externo. Regista-se igualmente uma larga maioria de recipientes com capacidades compreendidas entre 100 e 300 ml, com representatividade relativa de recipientes com capacidade inferior a 100 ml e com capacidade entre 300 e 400 ml. Recipientes com capacidade superior a 400 ml (e principalmente, superiores a 500 ml) poderão ser considerados como *outliers* (gráficos 1 e 2).

Um elemento claramente dissidente deste grupo genérico encontra-se no vaso da anta da Moita 1 (MNA 45194), sendo notória a preeminência do seu diâmetro e a excessiva altura do colo. Não se trata propriamente de um recipiente de *tipo Crato/Nisa* típico, podendo ser assumido como uma variante excepcional.

A nível decorativo, registam-se exemplares de vários tipos (figuras 4 e 5). A decoração incisa está representada por escassos exemplares, destacando-se os recipientes da anta da Horta (AH 216; Oliveira, 2006, p. 139) e *tholos* do Escoural (MNA 70063; Santos e Ferreira, 1969, p. 51, fig. 5), cujo motivo decorativo é composto por uma linha incisa vertical central ladeada por incisões oblíquas/horizontais, lembrando as representações da «Árvore da Vida», os «ramiformes» da arte rupestre esquemática neo-calcolítica.

A decoração impressa encontra-se representada principalmente por composições de impressões lineares com matriz denteada (obtidas com pente) formando colunas verticais dispostas ao longo do colo do recipiente, por vezes delimitadas por incisões verticais, de que são exemplo os recipientes das antas de Alter do Chão (MNA 2003.73.16; Andrade, 2014, p. 41, fig. 6), Romeiras (AR-6 e AR-5; Gonçalves e Andrade, 2014, p. 68, fig. 7) e Tapias 1 (Bueno Ramírez, 1988, p. 129, fig. 188). Motivo menos comum encontra-se representado

no vaso da anta Oeste da Estrada de Montemor (MNA 2004.382.13), composto por impressões formando composições curvilíneas dispostas no colo do recipiente (motivo debatido mais à frente).

A decoração plástica, mais comum, encontra-se representada por múltiplas variantes: pares de mamilos aplicados sobre o colo ou sobre a carena, tipo mais usual com numerosos exemplos conhecidos (sendo desnecessário citá-los a todos); conjuntos de três ou mais mamilos aplicados sobre o colo, formando composições geométricas, de que são exemplo os recipientes de Monforte ou Elvas (Leisner e Leisner, 1959, Taf. 8) e Ordem 1 (MNA 998.78.21); cordões rectilíneos verticais aplicados sobre o colo, exemplificado pelos recipientes das antas de Ordem 1 (MNA 998.78.76 e 12955) e Carvalho 1 (MNA 2013.3.255); cordões curvilíneos aplicados sobre o colo, configurando a representação de Arcadas Supraciliares (embora algumas composições se assemelhem à representação de enxós ou báculos opósitos), representados entre outros nos recipientes de Casa Branca 3 (MNA 995.76.32), Caeira 7 (Leisner e Leisner, 1959, Taf. 30), Comenda da Igreja 1 (MNA 7339 e 2001.54.3, este último associado a par de mamilos) e Amendoeira 2 (MNA 2004.237.1); fiadas curvilíneas de mamilos aplicados sobre o colo, configurando a representação de Arcadas Supraciliares, reconhecido no recipiente da anta da Horta (AH 186, Oliveira, 2006, p. 128).

Os dois últimos tipos serão debatidos mais à frente, a respeito da iconografia específica patente nestes recipientes.

PROBLEMÁTICAS DE ESTUDO: OS VASOS DE TIPO ATALAIA DA IDADE DO BRONZE

Morfológicamente, os pequenos vasos carenados de *tipo Crato/Nisa* poderão ser confundidos com exemplares mais tardios, nomeadamente as taças de *tipo Atalaia* do Bronze do Sudoeste. No entanto, e apesar

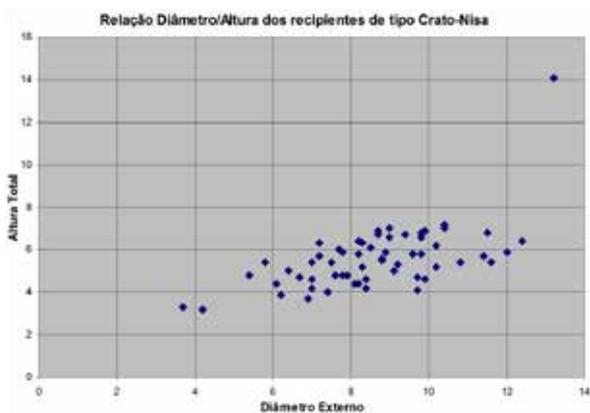
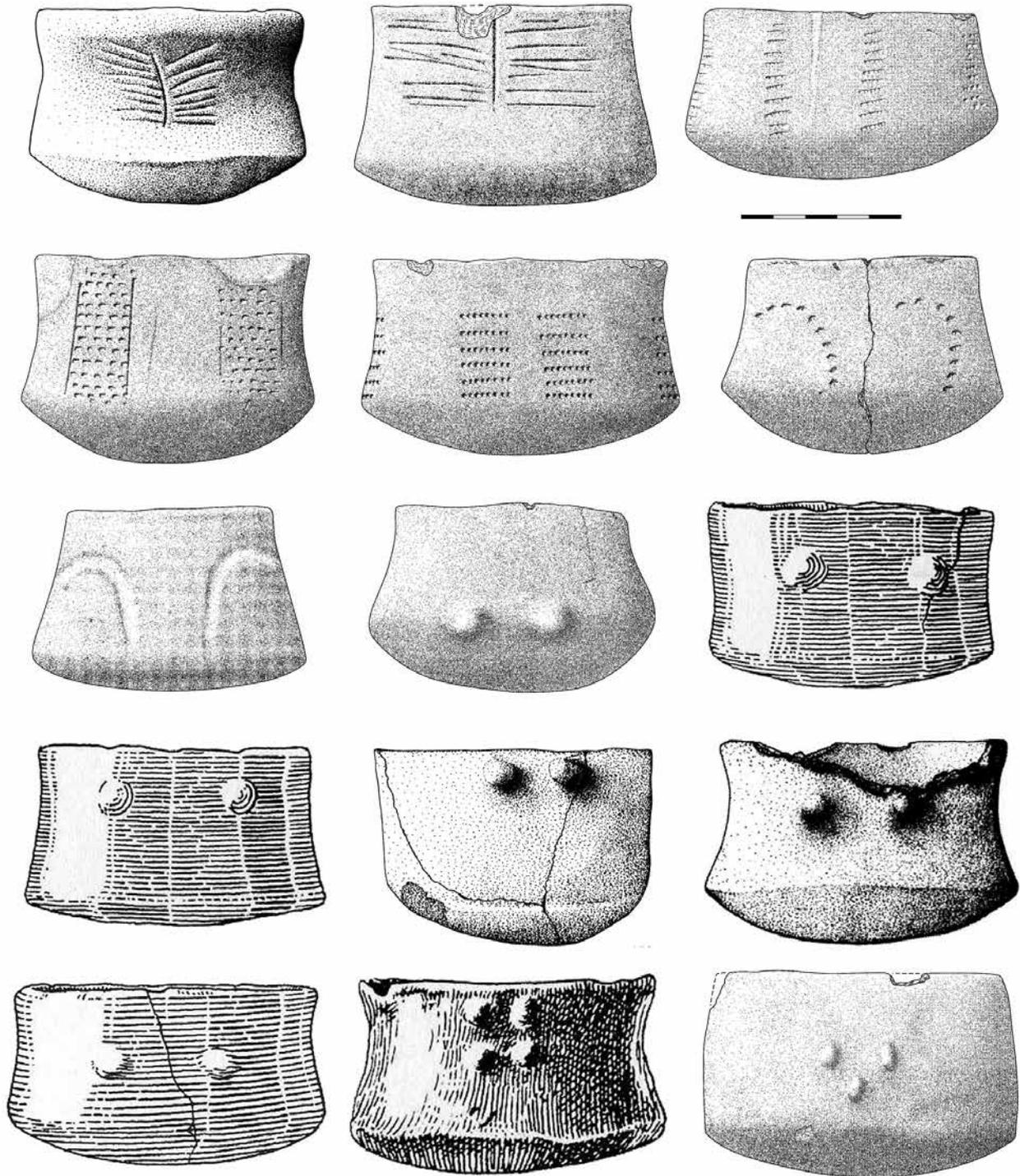


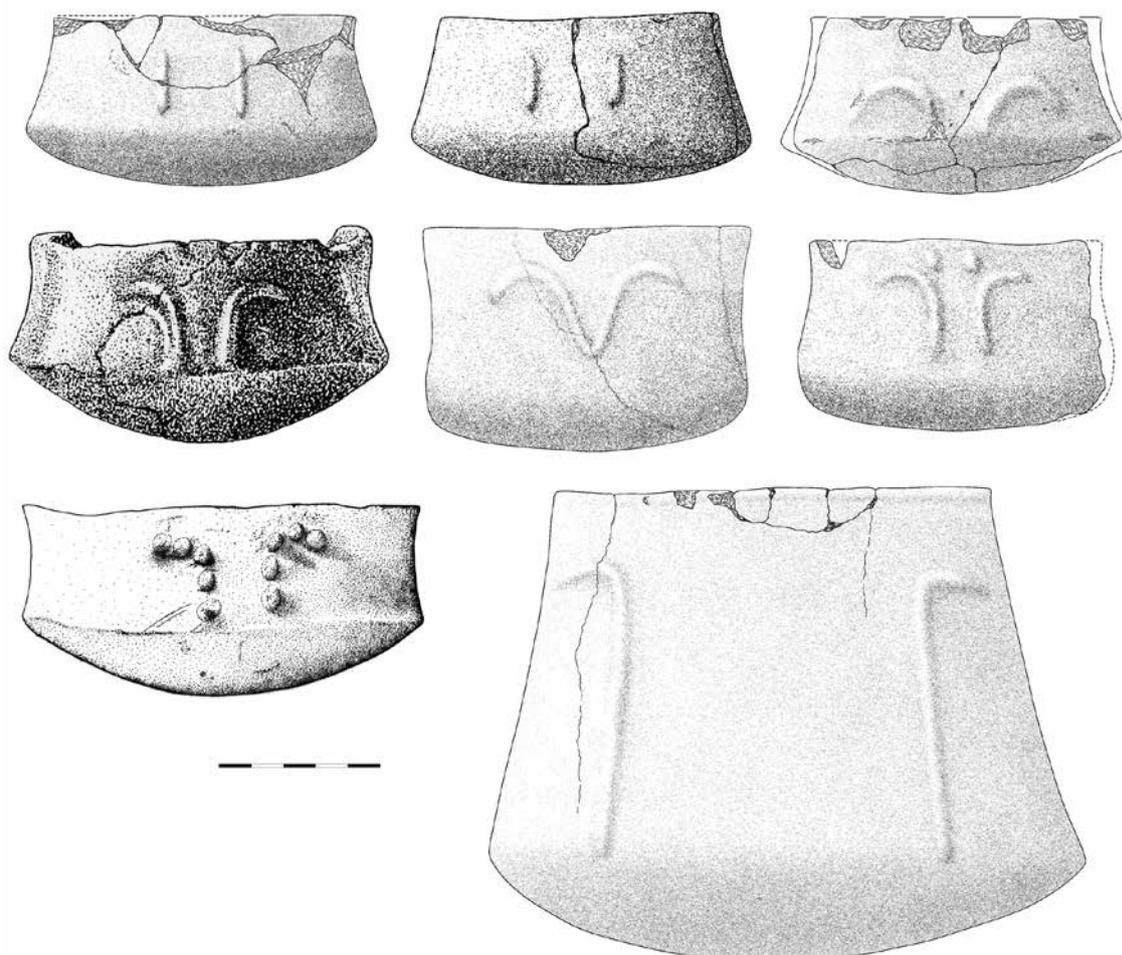
Gráfico 1. Relação do Diâmetro/Altura (em cm) dos recipientes carenados de tipo Crato/Nisa, lida num universo de 60 recipientes recolhidos em monumentos megalíticos das áreas de Crato, Alter do Chão, Avis, Sousel, Mora, Estremoz e Montemor-o-Novo.



Gráfico 2. Relação percentual da capacidade (em mililitros) dos recipientes carenados de tipo Crato/Nisa, lida num universo de 60 recipientes recolhidos em monumentos megalíticos das áreas de Crato, Alter do Chão, Avis, Sousel, Mora, Estremoz e Montemor-o-Novo.



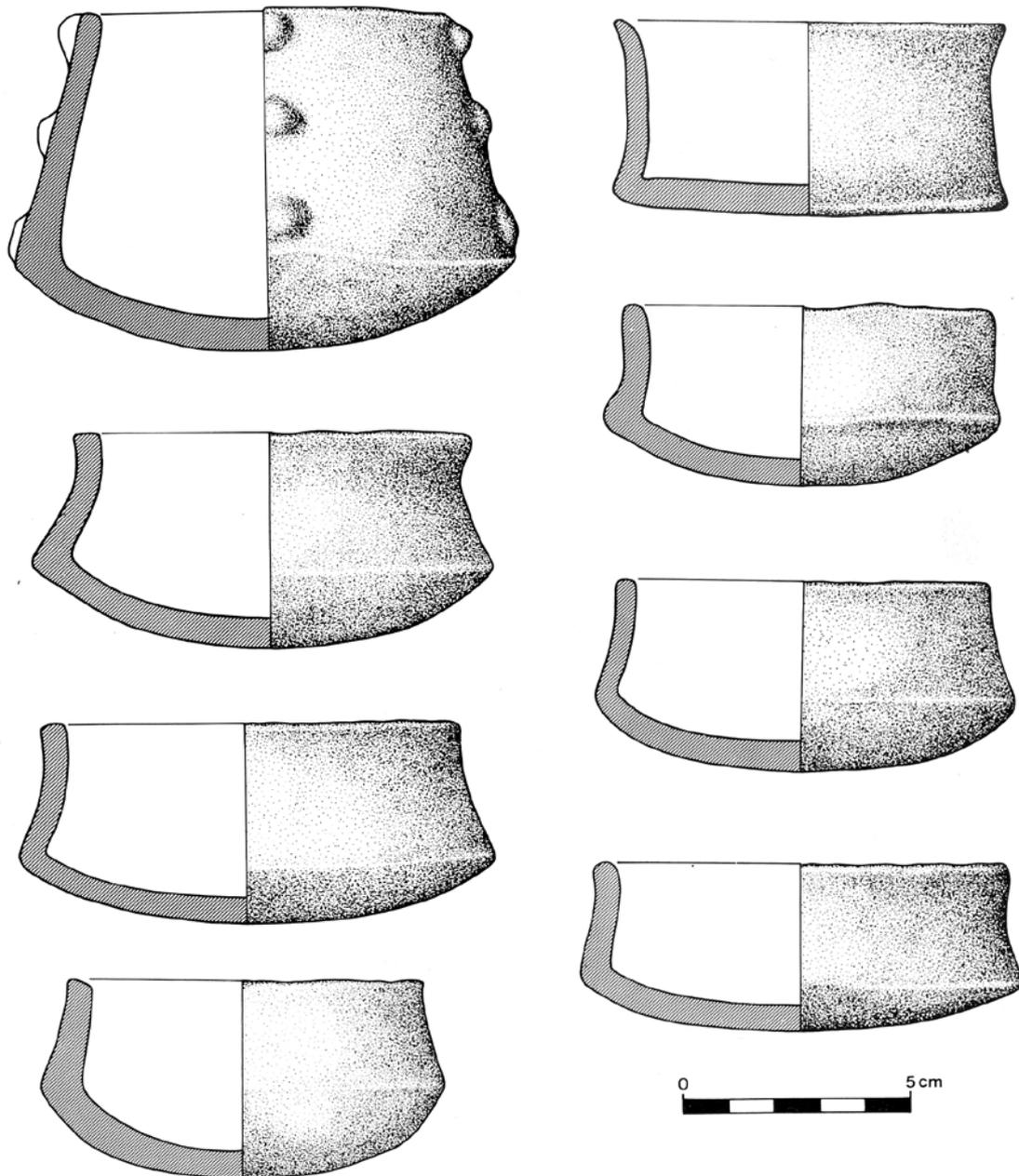
4. Elementos decorativos reconhecidos em vasos carenados de tipo Crato/Nisa. Decoração incisa: Horta, Alter do Chão (AH 216, adaptado de Oliveira, 2006, p. 139); Escoural, Montemor-o-Novo (MNA 70063). Decoração impressa: Romeiras, Crato (AR-6 e AR-5, adaptado de Gonçalves e Andrade, 2014, p. 68, fig. 7); Alter do Chão (MNA 2003.73.16, adaptado de Andrade, 2014, p. 41, fig. 6); Oeste da Estrada de Montemor, Coruche (MNA 2004.382.13). Decoração em «baixo-relevo»: Carvalho 1, Mora (MNA 2013.3.249). Decoração plástica, pares de mamilos aplicados sobre o colo ou sobre a carena: Romeiras, Crato (AR-7, adaptado de Gonçalves e Andrade, 2014, p. 68, fig. 7); Casa Branca 3, Mora (adaptado de Leisner e Leisner, 1959, Taf. 20); Alcolgulo 2, Castelo de Vide (Leisner e Leisner, 1959, Taf. 3); Horta, Alter do Chão (AH 222 e AH 220, adaptado de Oliveira, 2006, p. 122 e p. 126); Casa Branca 3, Mora (adaptado de Leisner e Leisner, 1959, Taf. 20); Monforte ou Elvas (adaptado de Leisner e Leisner, 1959, Taf. 8); Ordem 1, Avis (MNA 998.78.21).



5. Elementos decorativos reconhecidos em vasos carenados de tipo Crato/Nisa. Decoração plástica, cordões rectilíneos verticais aplicados sobre o colo: Ordem 1, Avis (MNA 998.78.76 e 12955). Decoração plástica, cordões curvilíneos aplicados sobre o colo: Casa Branca 3, Mora (MNA 995.76.32); Caeira 7, Arraiolos (adaptado de Leisner e Leisner, 1959, Taf. 30); Comenda da Igreja 1, Montemor-o-Novo (MNA 7339 e 2001.54.3). Decoração plástica, fiadas curvilíneas de mamilos aplicados sobre o colo: Horta, Alter do Chão (AH 186, adaptado de Oliveira, 2006, p. 128). Apresenta-se igualmente o vaso da anta de Moita 1, Mora (MNA 45194), afim dos recipientes de tipo Crato/Nisa.

de obedecerem aos mesmos critérios estilísticos genéricos, são evidentes as diferenças morfológicas entre ambos tipos, a nível de tipologia, de pastas e de acabamentos – perfeitamente reconhecíveis quando se regista num mesmo monumento a presença de recipientes de ambos tipos (como Ordem 1, São Lourenço 1 ou Alcogulo 3, por exemplo, onde as taças de *tipo Atalaia* apresentam carenas mais vincadas, pastas mais depuradas e acabamentos polidos, quase aproximando-se de brunido, ou com aguadas alaranjadas). Com efeito, a presença destes pequenos vasos carenados designados como de *tipo Atalaia* é particularmente abundante em contextos funerários da Idade do Bronze inicial e pleno (Schubart, 1965 e 1975), apresentando-se aqui como modelo os exemplares das necrópoles da área de Sines (Silva e Soares, 1981) (figura 6). No entanto, os pequenos vasos carenados estão presentes na larga maioria dos contextos megalíticos de finais do 4.^o/primeira metade do 3.^o milénio a.n.e. no Alto Alentejo escavados até ao momento, parecendo abusivo defender que todos terão reutilizações da Idade do Bronze. Dispõe-se igualmente de datações absolutas de contextos com vasos de *tipo Crato-Nisa*, assim como de associações artefactuais com outros elementos característicos

de finais do 4.^o/primeira metade do 3.^o milénio a.n.e. Da mesma maneira, os componentes iconográficos que alguns destes vasos de *tipo Crato/Nisa* apresentam, igualmente atribuíveis a finais do 4.^o/primeira metade do 3.^o milénio a.n.e., ratificam a sua definição cronológica precisa. São estes temas a debater no ponto seguinte. Todavia, não se nega que alguns destes monumentos tenham efectivamente reutilizações durante a Idade do Bronze; contudo, e como referido, quando estas ocorrem são perfeitamente reconhecíveis, tendo em conta o contexto em que se inserem. Citando os exemplos, na área alto-alentejana, das antas de Cabeçuda, Castelhanas, São Gens 2 e Bola da Cera, as efectiva taças de *tipo Atalaia* surgem associadas a outros recipientes típicos da Idade do Bronze, como o são os vasos de ombro e os vasos carenados com asa aplicada sobre o colo; dispõe-se igualmente de datações absolutas que confirmam esta atribuição cronológica (Oliveira, 1998; cf. também Mataloto, 2005 e 2007; Mataloto *et al.*, 2013). Embora as datações obtidas para a anta da Cabeçuda forneçam intervalos balizados entre 2396-1697 Cal BC 2σ e 2280-1977 Cal BC 2σ (respectivamente, ICEN-977: 3650±110 BP e ICEN-979: 3720±45 BP, segundo Jorge



6. Recipientes carenados de tipo Atalaia, da Idade do Bronze, recolhidos nas necrópoles de Quitéria e Provença, Sines (adaptado de Silva e Soares, 1981, p. 161-165, figuras 140-145). De notar, à parte algumas particularidades formais, a efectiva analogia com os vasos carenados de tipo *Crato/Nisa*.

Oliveira (1998, p. 616); datações recalibradas em 2016 com recurso ao programa Calib 7.0.1, utilizando a curva IntCal13.14c), podendo fazer recuar estas utilizações até ao Calcolítico final ou a um momento preambular da Idade do Bronze inicial – ao designado «Horizonte da Ferradeira» (Schubart, 1971) – a datação obtida para a anta das Castelhanas coloca a sua reutilização numa fase plena da Idade do Bronze, nomeadamente entre 1657-1309 Cal BC 2σ (OxA-5432: 3220 ± 65 BP, segundo Jorge Oliveira (1998, p. 616); datação recalibrada em 2016 com recurso ao programa Calib 7.0.1, utilizando a curva IntCal13.14c). Como se denota, tratam-se inequivocamente de contextos cronológicos e culturais diferenciados daqueles onde se recolheram efectivamente vasos de *tipo Crato/Nisa* (como se verá abaixo).

Da mesma maneira, a utilização da Idade do Bronze registada na anta de Bola da Cera é estratigraficamente diferenciável das utilizações iniciais do Neolítico final/Calcolítico inicial, sendo perfeitamente perceptível que vasos correspondem a que «horizonte estratigráfico», não tendo sido os depósitos iniciais neo-calcolíticos perturbados pelas deposições da Idade do Bronze (Oliveira, 1998, p. 477-478).

Embora se possam evocar também, para além dos morfológicos, os paralelos decorativos (como os pares de mamilos), esta semelhança parece ser apenas casual. Os recipientes decorados com colunas verticais de três mamilos aplicados sobre o colo, como o da necrópole da Quitéria (Silva e Soares, 1981, p. 165, fig. 145), apresentam semelhanças com outros recolhidos

em contextos exclusivos do Neolítico final/Calcolítico, como na necrópole de Monte da Barca (Gonçalves, 2011, p. 157, fig. 6.4). E, neste último sítio, nada permite apontar utilizações da Idade do Bronze, seja pela tipologia do contexto propriamente dita, seja pelas características artefactuais do «pacote votivo» em que este vaso se encontrava inserido...

CONTEXTOS CRONO-CULTURAIS: CRONOLOGIA ABSOLUTA, ASSOCIAÇÕES ARTEFACTUAIS E ICONOGRAFIAS

Como dito, três factores fundamentais são de considerar na atribuição crono-cultural destes recipientes: a sua quase omnipresença em contextos sepulcrais construídos e utilizados em finais do 4.º milénio a.n.e. e primeira metade do seguinte; as associações artefactuais e consequentes datações absolutas obtidas com escavações recentes; a própria iconografia e imagética que alguns destes elementos ostentam.

Em relação ao primeiro factor, parece-me uma coincidência extrema que todos os monumentos megalíticos datáveis da transição do 4.º para o 3.º milénio a.n.e. escavados até ao momento no Alto Alentejo tenham reutilizações da Idade do Bronze (já que todos, ou praticamente todos, forneceram estes pequenos vasos carenados). É certo que eles existem (como Ordem 1 ou São Lourenço 1, onde se recolheram vasos de *tipo Crato/Nisa* e taças de *tipo Atalaia*, sendo evidente as divergências morfológicas entre ambos tipos), mas pensar que todos tiveram reutilizações da Idade do Bronze parece-me já um pouco abusivo.

Sobre o segundo factor, estes recipientes encontram-se incluídos em conjuntos onde figuram placas de xisto gravadas, placas de grés esculpidas, pontas de seta de retoque bifacial cobridor e lâminas retocadas – elementos com um enquadramento crono-cultural bem delimitado (3200-2600 BCE). Ratificando esta associação, a escavação recente da anta da Horta (Oliveira, 2006) possibilitou a identificação, especialmente à entrada do Corredor, de vasos carenados de *tipo Crato/Nisa* associados a placas de grés e placas de xisto (incluindo com figuração antropomórfica), artefactos de pedra polida, pontas de seta de base convexa e triangular e alguns ossos humanos. A datação absoluta conseguida sobre amostra destes ossos humanos permitiu enquadrar esta deposição num intervalo entendido entre 2898-2627 Cal BC 2σ (Beta-194312: 4190±50, segundo Jorge Oliveira (2006, p. 109); datação recalibrada em 2016 com recurso ao programa Calib 7.0.1, utilizando a curva IntCal13.14c), sendo assim axiomática a sua atribuição cultural por inerência de contexto.

Embora este seja o exemplo mais expressivo, outros contextos estão disponíveis para a ratificação desta atribuição cronológica. No mesmo monumento da Horta, na área da Câmara, os vasos de *tipo Crato/Nisa* (incluindo exemplares mamilados) surgem estratigraficamente associados a placas de xisto gravadas e placas grés esculpidas, estando este nível de utilização datado de entre 3325-2900 Cal BC 2σ (Beta-194313: 4390±50 BP, segundo Jorge Oliveira (2006, p. 109);

datação recalibrada em 2016 com recurso ao programa Calib 7.0.1, utilizando a curva IntCal13.14c). Em Coureiros 4, os vasos de *tipo Crato/Nisa* encontram-se associados a placas de xisto gravadas, no nível de base do Corredor datado de 3338-2471 cal BC 2σ (ICEN-976: 4240±150 BP, segundo Jorge Oliveira (1998, p. 616); datação recalibrada em 2016 com recurso ao programa Calib 7.0.1, utilizando a curva IntCal13.14c). Na já referida anta de Bola da Cera, os vasos de *tipo Crato/Nisa* registam-se no nível de base da Câmara, estratigraficamente diferenciável da reutilização da Idade do Bronze (e não afectado por esta), e associados as placas antropomórficas, com datação correspondente a 3264-2887 cal BC 2σ (ICEN-66: 4360±50 BP, segundo Jorge Oliveira (1998, p. 616); datação recalibrada em 2016 com recurso ao programa Calib 7.0.1, utilizando a curva IntCal13.14c). Tratam-se, como se denota, de contextos cronológicos perfeitamente discrimináveis daqueles referidos acima para monumentos com reutilizações da Idade do Bronze (gráfico 3).

A sua presença em povoados do Neolítico final/Calcolítico inicial está igualmente atestada (embora, até ao momento, em escassos casos e curiosamente exteriores à área fulcral de dispersão destes recipientes), registando-se nos sítios de Ponte da Azambuja 2 (Rodrigues, 2015) e Serra das Éguas (Bubner, 1979, p. 50) – neste último caso com motivos decorativos análogos aos registados nos vasos alentejanos (cordões curvilíneos opósitos).

A respeito do último factor, a iconografia e imagética que alguns destes elementos apresentam (nomeadamente a representação de Arcadas Supraciliares ou Sobrancelhas) referem-se à simbólica distintiva da Deusa-Mãe neolítica e calcolítica, igualmente representada em outros elementos indubitavelmente atribuíveis a finais do 4.º/primeira metade do 3.º milénios a.n.e., como

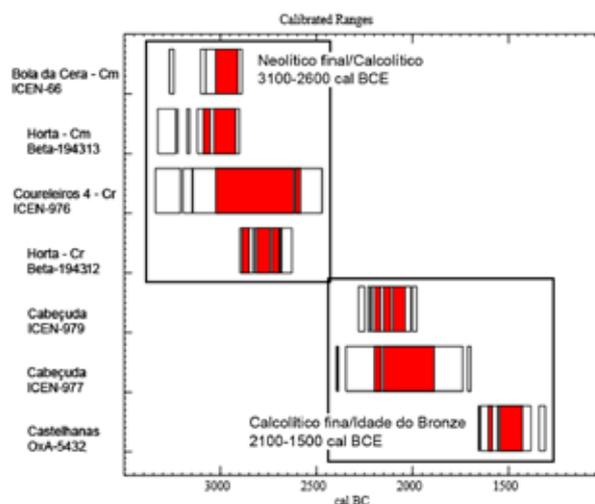


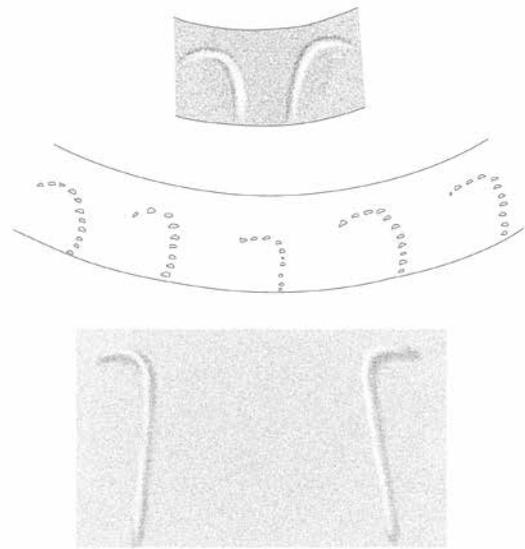
Gráfico 3. Datações ¹⁴C para monumentos megalíticos alto-alentejanos com recipientes carenadas de tipo Crato/Nisa e de tipo Ferradeira ou Atalaia (datações de Bola da Cera, Coureiros 4, Cabeçuda e Castelhanas segundo Oliveira, 1998; datações de Horta segundo Oliveira, 2006), indicando-se a crono-cultura genérica em que se incluem (com base no espólio associado). Datações recalibradas em 2016 com recurso ao programa Calib 7.0.1 (© M. Stuiver e P. Reimer, 2013), utilizando a curva IntCal13.14c (Reimer *et al.*, 2013, Radiocarbon 55: 4). Intervalo 2σ com 95,4% de probabilidade.

o são os artefactos votivos de calcário, as placas de xisto gravadas, as placas de grés esculpidas ou os recipientes cerâmicos com decoração simbólica (figuras 7 e 8).

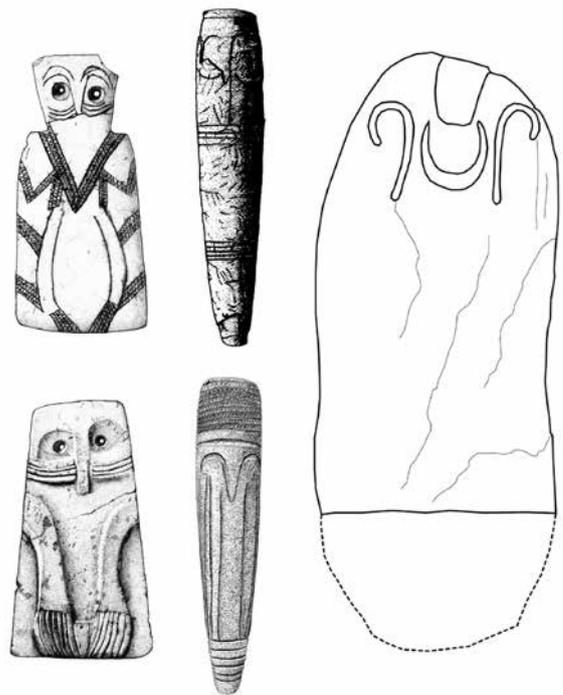
Assim, as representações curvilíneas (compostas por cordões plásticos, fiadas de mamilos ou em «baixo relevo») que figuram no colo dos vasos de Casa Branca 3 (MNA 995.76.32), Caeira 7 (Leisner e Leisner, 1959, Taf. 30), Comenda da Igreja 1 (MNA 7339 e 2001.54.3), Amendoeira 2 (MNA 2004.237.1), Horta (AH 186, Oliveira, 2006, p. 128) ou Carvalho 1 (MNA 2013.3.249), poderão ser equiparadas às representações faciais esquemáticas (com indicação de Nariz e Sobrancelhas ou Arcadas Supraciliares) dos artefactos acima listado – destacando-se os betilos de Correio-Mor (Cardoso *et al.*, 1995, p. 107, fig. 10), Casainhos (Leisner, 1965, Taf. 23) ou Lisboa (Santos, 1970), as placas de xisto e grés da anta da Horta (Oliveira, 2006) ou Lapa da Galinha (Gonçalves *et al.*, 2014), e o recipiente cerâmico do *tholos* de Monte do Outeiro (Leisner, 1965, Taf. 128). Da mesma maneira, algumas destas representações podem ser interpretadas como a representação de báculos (ou enxós) – opósitos nos casos acima mencionados ou orientados no mesmo sentido no caso do vaso da anta Oeste da Estrada de Montemor (MNA 2004.382.13). Assim sendo, estes elementos associam-se indiscutivelmente às comunidades megalíticas do Neolítico final e Calcolítico – seja pelos artefactos propriamente ditos, como pela sua representação (no caso dos báculos) na arte rupestre neo-calcolítica ou menires crono-culturalmente equiparáveis. Particularmente no menir 18 do recinto de Vale Maria do Meio, um par de báculos opósitos surge ladeando uma lúnula encimada por motivo rectangular (Calado e Rocha, 2010, p. 30, fig. 4.6). Se alhearmos esta representação do motivo central, é notoriamente a sua semelhança com aquela representada nos vasos de *tipo Crato/Nisa* acima enunciados – e especialmente evidente na variante do vaso da anta da Moita 1 (MNA 45194), que, no entanto, são igualmente semelhantes a certas representações faciais esquemáticas, como a patente numa das placas de xisto gravadas da anta de Cavaleiros 1, por exemplo.

Assim, os paralelos morfo-tipológicos não permitem, por si só e a meu ver, considerar tanto vasos de *tipo Crato/Nisa* como vasos de *tipo Atalaia* como integráveis dentro de um mesmo patamar crono-cultural. Tomemos um exemplo arqueológico concreto: a produção de pontas com adelgaçamento bifacial, desenvolvida durante o Solutrense médio e superior, é completamente abandonada no tecno-complexo subsequente, voltando a surgir exponencialmente durante o Calcolítico; contudo, no domínio pleno das nossas faculdades intelectuais, nunca consideraríamos como calcolíticas as folhas de loureiro e as folhas de salgueiro, nem sequer as pontas Parpalló, mesmo que em rigor obedeam exactamente, qualquer uma delas, a estratégias de facetagem semelhantes.

Poderá assim tratar-se somente de uma reinvenção de formas, em que se reproduzem maquinalmente tipos formais já produzidos em etapas cronológicas antecedentes. O acaso conceptual, embora com as reservas devidas a uma leitura estritamente teórica, poderá as-



7. Desdobramento da decoração registada nos recipientes das antas de Carvalho 1, Mora (MNA 2013.3.249, em cima), Oeste da Estrada de Montemor, Coruche (MNA 2004.382.13, ao centro) e Moita 1, Mora (MNA 45194, em baixo).



8. Exemplos de paralelos iconográficos para os elementos simbólicos reconhecidos nos recipientes carenados de tipo *Crato/Nisa*: placa de xisto e placa de grés da anta da Horta, Alter do Chão com representação de Arcadas Supraciliares ou Sobrancelhas associadas a Nariz (AH 198 e AH 197, adaptado de Oliveira, 2006, p. 146 e 142); betilos de calcário da gruta do Correio-Mor e da anta de Casainhos, Loures com representação de Arcadas Supraciliares ou Sobrancelhas associadas a Nariz (adaptado de Cardoso *et al.*, 1995, p. 107, fig. 10; Leisner, 1965, Taf. 23); menir 18 de Vale Maria do Meio, Montemor-o-Novo com representação de báculos opósitos (adaptado de Calado e Rocha, 2010, p. 30, fig. 4.6).

sim explicar as semelhanças morfo-tipológicas entre vasos de *tipo Crato/Nisa* e taças de *tipo Atalaia* – podendo-se evocar igualmente efeitos sintomáticos de *memória genética*, mas isso seria já tema para outro debate...

PERSPECTIVAS TRANSDISCIPLINARES: ALGUMAS SUGESTÕES, À GUIA DE EPÍLOGO

Para a clarificação rigorosa das questões acima debatidas, várias perspectivas de análise serão de considerar. Preconiza-se assim o estudo conjunto de amostras significativas de vasos de ambos tipos, de modo a afinar as características morfológicas específicas destes recipientes (a nível de formas e fabricos) criando bases analíticas sólidas.

Para que a classificação crono-cultural destes recipientes (tanto de um como de outro tipo) não seja baseada apenas nas estampas apresentadas na literatura disponível, propõe-se a revisão de colecções antigas, de modo a identificar e seriar elementos de vasos de ambos tipos. Da mesma maneira, a identificação (por meio de trabalhos de escavação com metodologias actuais) e datação

de contextos seguros, estruturais ou estratigráficos, em «ambiente megalítico», onde se identifiquem exemplares de vasos de ambos tipos, torna-se necessária à rigorosa clarificação da sua crono-cultura. Tal acção poderá ser complementada com a realização de datações TL de elementos cerâmicos de ambos tipos, de modo a definir o patamar cronológico da sua produção.

A realização de análises geoquímicas sobre vasos de ambos tipos, e a consequente comparação de resultados, poderá potencialmente isolar assinaturas específicas na produção destes vasos, de modo a estabelecer possíveis padrões de fabrico.

Este trabalho assume-se assim simplesmente como um contributo para um debate, pretendendo avançar algumas achegas sobre as questões morfológicas e cronológicas envolvendo o estudo dos recipientes carenados do Megalitismo alto-alentejano.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, M. (2014) – Contextos perdidos, obscurantismos helénicos: espólio de um monumento megalítico de Alter do Chão pertencente à colecção de Manuel Heleno. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 17, p. 35-60.
- BOAVENTURA, R. (2006) – Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do *cluster* de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9: 2, p. 61-74.
- BUBNER, M. (1979) – Cerâmica de importação na Estremadura portuguesa. *Ethnos*, 8, p. 31-85.
- BUENO-RAMÍREZ, P. (1988) – *Los dólmenes de Valencia de Alcantara*. Madrid: Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España, 155).
- CALADO, M.; ROCHA, L. (2010) – Megaliths as rock art in Alentejo, Southern Portugal. In CALADO, D.; BALDIA, M.; BOULANGER, M., eds., *Monumental Questions: Prehistoric Megaliths, Mounds and Enclosures. Proceedings of the XV UISPP World Congress*. 7. Oxford: BAR, p. 25-31 (BAR International Series, 2122).
- CARDOSO, J.; LEITÃO, M.; NORTON, J.; FERREIRA, O.; NORTH, C. (1995) – O santuário calcolítico da Gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 97-123.
- GONÇALVES, V. (2011) – *As placas de xisto gravadas (e os báculos) do sítio do Monte da Barca (Coruche)*. Lisboa: UNIARQ (Cadernos da UNIARQ, 7).
- GONÇALVES, V.; ANDRADE, M. (2014) – Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto. 2. Antas inéditas do grupo megalítico Crato-Nisa (Anta das Romeiras e Anta da Ferranha). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 17, p. 61-94.
- GONÇALVES, V.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (2014) – As placas votivas (e o báculo) da gruta da Lapa da Galinha, no 3º milénio a.n.e. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21, p. 109-158.
- GONÇALVES, V.; TREINEN-CLAUSTRE, F.; ARRUDA, A. (1981) – Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato), campanha 1 (81). *Clio*, 3, p. 153-164.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Berlin: Walthers de Gruyter & Co.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Berlin: Walthers de Gruyter & Co.
- MATALOTO, R. (2005) – A propósito de um achado na Herdade das Casas (Redondo): Megalitismo e Idade do Bronze no Alto Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8: 2, p. 115-128.
- MATALOTO, R. (2007) – Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto-alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10: 1, p. 123-140.
- MATALOTO, R.; MARTINS, J.; SOARES, A. (2013) – Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste. Periodização, base de dados, tratamento estatístico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 20, p. 303-338.
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2013) – A anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide – Centro Leste de Portugal): resultados da primeira campanha de escavação. *Estudos do Quaternário*, 9, p. 57-70.
- OLIVEIRA, C.; MONTEIRO-RODRIGUES, S.; ARAÚJO, A. (2015) – Análise química de resíduos orgânicos identificados em vasos da anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide, Alto Alentejo, Portugal). In OLIVEIRA, C.; MORAIS, R.; MORILLO CERDÁN, A., eds., *ArchaeoAnalytics. Chromatography and DNA Analysis in Archaeology*. Esposende: Câmara Municipal, p. 85-101.
- OLIVEIRA, J. (1998) – *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa: Colibri.
- OLIVEIRA, J. (2006) – *Património arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. Lisboa: Colibri/Universidade de Évora.
- PARREIRA, R. (1996) – *O conjunto megalítico do Crato (Alto Alentejo): contribuição para o registo das antas portuguesas*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, policopiado.
- RODRIGUES, A. (2015) – *O sítio da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora) e a emergência dos recintos de fossos no SW peninsular nos finais do 4.º milénio a.n.e.* Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Algarve, policopiado.
- SANTOS, M. (1970) – Ídolo eneolítico dos arredores de Lisboa. *O Arqueólogo Português*, 3.ª série, 4, p. 61-64.
- SANTOS, M.; FERREIRA, O. (1969) – O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*, 3.ª série, 3, p. 37-62.
- SCHUBART, H. (1965) – Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, 22, p. 7-124.
- SCHUBART, H. (1971) – O Horizonte de Ferradeira. *Revista de Guimarães*, 81: 3/4, p. 189-215.
- SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- SILVA, C.; SOARES, J. (1981) – *Pré-história da área de Sines. Trabalhos arqueológicos de 1972-77*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.